



QUAL É O LUGAR DO MUSEU NO CAMPO DE PESQUISA DO ENSINO DE HISTÓRIA?

MARCELO H. LEITE¹

O presente texto é fruto da disciplina “Tópicos Especiais em Patrimônio, Ensino de História e Historiografia”, ministrado por Angela de Castro e Gomes, no segundo semestre de 2016, no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), na UniRio. O curso teve por título “Intelectuais, projetos culturais e ação política”, estruturado para trabalhar o conceito de intelectual, bem como suas atuações em redes de sociabilidade. O trabalho final tinha por objetivo mobilizar autores e textos lidos na disciplina para ir ao encontro das pesquisas dos alunos do programa, portanto alguns textos usados são escolhas do autor dentre os propostos pela professora para o curso.

Objetiva-se, neste artigo, explorar o campo de pesquisa acadêmica e a formação de intelectuais interessados na temática do Ensino de História e o Museu de história, ou seja, localizar pesquisadores e pesquisadoras interessados em compreender as possível relações entre as duas palavras chave deste texto: Ensino de História e Museu de História (ou histórico).

Para respondermos a pergunta-título do artigo será utilizado um banco de dados criado pelo professor Leandro Almeida, coordenador do LEHRB (Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia), o qual contempla produções científicas em formato de artigos dos anos 80 até junho de 2016 em Ensino de História.

Uma breve trajetória do Ensino de História como campo de pesquisa acadêmica

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.



A espinha dorsal desse item parte da concepção de campo do sociólogo Pierre Bourdieu. Segundo Roger Chartier (2002): “Os campos, segundo Bourdieu, têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e constituídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros.” (CHARTIER, 2002 - p.140). Nas leituras para compor este texto, foi possível perceber o Ensino de História como um campo pela ótica bourdiana, ao apresentar conflitos quanto à **constituição** do campo. Alguns pesquisadores datam seu aparecimento nos anos 1950 e 60 com publicações, por exemplo, de Emilia Viotti da Costa sobre o tema [de ensino de história]; outros pesquisadores avaliam os anos 1970 como a década inicial para as formulações deste campo intelectual.

Assim como **área do saber, o do Ensino de História** também é permeado por disputas, conflitos e críticas. Na apresentação do livro *Pesquisa em Ensino de História: Entre desafios epistemológicos e apostas políticas* (2014), as organizadoras Ana Monteiro; Carmem Gabriel; Cinthia de Araújo e Warley Costa, traçam um cenário esclarecedor sobre o tema deste artigo: um “lugar de fronteira”² entre os referenciais teóricos metodológicos da História e da Educação.

Desde o final dos anos 1970, é possível detectar o interesse de alguns intelectuais realizando pesquisas acadêmicas tendo o Ensino de História como objeto de pesquisa. Estudar Ensino de História, portanto, passou a compreender e valorizar a capacidade de produção de conhecimento da educação básica.

No final da década de 1970 e início da de 1980, Silva e Fonseca (2007) apresentam um contexto de lutas indicando o caráter de classe dos docentes, ou seja, uma identificação dos professores como “trabalhadores de ensino”. As reivindicações buscavam a profissionalização, autonomização, e dignificação da profissão e da carreira docente. Essas mobilizações nos permitem reconhecer as lutas da profissionalização docente como um dos

²Sobre “lugares de fronteira”, ver em MONTEIRO, Ana Maria; PENNA, Fernando. **Ensino de História: saber em lugares de fronteira**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 36, n.1, p. 191-211, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>



sentidos para impulsionar a formação do campo de estudos na academia sobre Ensino de História, nos anos 80 e 90.

Sandra Lima (2006), em um panorama sobre o estado da arte das pesquisas sobre Ensino de História, nos apresenta a década de 1980 como palco para produções voltadas à compreensão deste campo. A historiada cita Canbrini, Silva e Fenelon como referências para o período.

No que diz respeito ao ensino da História em nível de 1º e 2º graus, o mesmo período marcou o início das propostas de reformas curriculares que conferiam à história ensinada uma dimensão crítica. O momento caracterizava-se pelas influências na academia, de um lado, do pensamento crítico de conotação marxista e, de outro, pelas inovações advindas da historiografia francesa, em particular das contribuições do movimento dos *Annales* por sua conseqüente penetração nas discussões acerca das mudanças que se faziam necessárias na História ensinada, fosse nas Universidades fosse nas escolas de Educação Básica. (LIMA, Sandra. P-164-5, 2006)

Seguindo a proposta de compreender o panorama do campo intelectual acadêmico do Ensino de História, é importante acrescentar as perspectivas de Circe Bittencourt (2011), a qual agrega elementos para refletir sobre as produções e pesquisas nos anos 80 e 90 em sala de aula e a disciplina de História.

Paralelamente às intenções governamentais e de órgãos internacionais, os livros didáticos tornaram-se uma preocupação mais constante por parte de especialistas das universidades nos anos de 1970 e 1980. As análises sobre a produção didática escolar passaram por mudanças de enfoques nas décadas posteriores, podendo-se perceber divergências entre os pesquisadores quanto às suas funções ou quanto a responsabilidades em relação ao sucesso ou ao fracasso escolar. Em tais análises, os livros de História têm permanecido como um dos preferenciais dos pesquisadores, tanto no Brasil quanto em outros países, conforme balanço realizado por Alain Choppin sobre o estado da arte da história do livro e das edições didáticas (Bittencourt, 2004).

Após os anos 1970, portanto, segundo Margarida de Oliveira (2007) pesquisadores de História tomam como preocupação o ensino de história como objeto de reflexão, análise e pesquisa. A historiadora ainda apresenta o final dos anos 70 e inícios da década de 80, houveram ações de dirigentes da ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História³) para a inclusão de professores de outros níveis de ensino, além

³ Em 1993 a ANPUH passou a se denominar como Associação Nacional de História.



de professores universitários, como sócios da ANPUH, fundada em 1961. Nos cabe indagar se essa inclusão de professores à ANPUH não estaria associada às lutas dos professores por condições de trabalho, como apresentado por Silva e Fonseca (2007).

Nos anos 1990, as pesquisas sobre Ensino de História aumentaram, e o cenário se tornou mais delimitado. Esta afirmação é sustentada se considerarmos a existência de eventos para pesquisadores deste campo: o "Encontro Nacional Perspectivas do Ensino de História", promovido pela primeira vez na Universidade de São Paulo (USP) em 1988, e o "Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História", em 1993, na Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

O crescimento da indústria editorial e das escolas privadas, nos vários níveis de ensino, simultaneamente ao recuo de sindicatos e outras entidades associativas, marcam certa inflexão do debate das políticas educacionais para o ensino de História desde a década de 1990, com a perda ou o recuo de lutas coletivas. Ao mesmo tempo, cresceu a pesquisa científica cujo objeto de estudo é o ensino e a aprendizagem de História; passou-se a valorizar, cada vez mais, a cultura escolar, os saberes e as práticas educativas, desenvolvidos em diferentes lugares por docentes e outros atores do processo educativo. Essa foi uma conquista importante porque reafirmou, entre nós, a concepção de que ensinar História não é apenas repetir, reproduzir conhecimentos eruditos produzidos noutros espaços: existe também uma produção escolar. (Silva; Fonseca, 2010)

Flávia Caimi (2015), utilizando o Banco de Teses da Capes, acerca das pesquisas acadêmicas no campo do Ensino de História de 1998 a 2007, apresenta um perfil de pesquisadores: em sua maioria mulheres, como autoras e orientadoras; a área da Educação como o cenário predominante para pesquisas⁴; e a história do ensino de história como o tema mais recorrente nas pesquisas, utilizando métodos, como registros de políticas educacionais ou arquivos escolares.

Ao encontro do perfil traçado por Caimi (2015), Evangelista; Triches (2005), apresentam o aumento do número de grupos e linhas de pesquisas em pós-graduação envolvendo a pesquisa em Ensino de História, no século XXI.

⁴ A autora reconhece que o Mestrado Profissional (ProfHistoria) e cinco programas de pós-graduação em história no campo do ensino, incluindo o PPGH da UniRio, impactará a médio prazo na produção intelectual acerca do ensino e da aprendizagem.



A pesquisa por GPs Ensino de, em todas as áreas, indicou a existência de um crescimento desse campo de pesquisa: de 280 em 2000, para 942 em 2004. Especificando Ensino de História, todas as áreas e todas as palavras, obtivemos o resultado de 32 GPs em 2000 e 109 em 2004. Se tomarmos a mesma palavra-chave na área de Ciências Humanas, teremos a presença de 23 GPs em 2000 e 72 em 2004. Recortando a informação pela área Educação, chama a atenção que em 2000, Ensino de História contava com 20 GPs, subindo para 51 em 2004. Na área de História, tínhamos dois GPs em 2000, tendo subido para 11 em 2004. Nessas duas áreas relacionadas diretamente com Ensino de História verificou-se, pois, um crescimento dos GPs. Percentualmente esses números indicam um crescimento, entre 2000 e 2004, de 155% na área de Educação e 450% na de História (Evangelista; Triches, 2005.p 2)

A intenção até este momento foi percorrer caminhos para esclarecer como o Ensino de História começa a se delimitar como um campo de pesquisa acadêmica.

Norberto Bobbio (1997) ao argumentar contra os dizeres da morte dos intelectuais, nos fornece subsídios para refletir sobre o Ensino de História ter sido criado para intelectuais com interesse nesta área, pois, segundo o autor, vivemos em sociedades nas quais cresceu enormemente o espaço a eles [intelectuais] concedidos para se fazerem ouvir e multiplicaram-se os meios de difusão das produções intelectuais. (p.12.). Este campo de pesquisa acadêmica não teria se impulsionado se não houvesse interessados em os ouvir, ou seja, a produção de pesquisas acadêmicas sobre sala de aula e sua dinâmica é contemporânea às preocupações com reformas curriculares pelo Estado - tanto nos anos 80, após o fim do regime ditatorial, e no final dos anos 90 com a crescente neoliberal -criação de cursos de pós-graduação, laboratórios e grupos de pesquisa, e eventos acadêmicos sobre Ensino de História.

Nas leituras de textos para a composição desta explanação, e o trabalho com o banco de dados sobre as revistas com conteúdo sobre Ensino de História, deparamos com questões que nos fazem retomara o ponto inicial: campo intelectual permeado de conflitos. Evangelista; Triches (2005) constataram conflitos no que se refere às identidades dos grupos de pesquisa de Ensino de História, como o aparecimento da chamada Educação Histórica, revelando um início de investigações desta área no Brasil, desvinculada da História da Educação.



Sobre embates dentro **desta área do saber**, Kazumi Munakata (2015) assinala também o que as historiadoras acima constataram sobre intelectuais agrupados em outra identidade: a Educação Histórica. Ele se posiciona contra esse grupo. Para este historiador, pesquisador do Ensino de História, os intelectuais seguidores da chamada “consciência histórica” (sendo Educação Histórica, correlato) “assumem um comportamento de seita: incansáveis missionários, repetem sempre, como mantra obrigatório, as mesmas palavras, as mesmas formulações que são, invariavelmente, as do Profeta, Jörn Rüsen, e seu livro Teoria da História”. (p.55)

Sobre essa questão e a luta por identidades, é necessário compreender que

Estes conflitos para definir essas identidades remetem à luta pelo direito ou pelo monopólio do poder da consagração estética ou intelectual, isto é, diria Bourdieu, o monopólio do poder para dizer, como autoridade, quem está autorizado a chamar-se escritor, ou até mesmo para se designar quem é escritor e quem tem autoridade para dizer quem é escritor, artista ou filósofo. Aqui, a dimensão fundamental das tensões ou dos conflitos dentro deste espaço diz respeito aos limites destes espaços e ao direito de dizer quais são estes limites, e ao direito de dizer quem pertence a este espaço social particular. (CHARTIER, 2002, p 142.)

Com a perspectiva de Bourdieu, podemos compreender as pesquisas sobre a sala de aula e a disciplina de história terem se intensificado nos últimos 40 anos a ponto de haver conflitos simbólicos e indicações de uma autonomização no campo da pesquisa em Ensino de História, como o exemplo dado referente à Educação Histórica, a qual vem buscando criar uma identidade própria, não usando em suas pesquisas a palavra-chave *Ensino de História*.

Ensino de História e Museu: considerações iniciais

Delimitado uma breve trajetória do campo de pesquisa acadêmica em Ensino de História, apresentaremos algumas referências de historiadores debruçados em compreender as relações da sala de aula com o Museu de História, para a seguir buscar apresentar reflexões iniciais sobre pesquisadores do Ensino de História, preocupados em inserir o museu como espaço para problematizar o passado.



Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998)⁵, ao delimitarem como importante a ida ao museu, apresentam uma justificativa que será base para refletir sobre as relações do Ensino de História e Museus de História

Durante muito tempo, a História valorizou a memória de lideranças políticas e de heróis nacionais. Hoje em dia, existe a preocupação de igualmente preservar a memória de movimentos populares, das histórias das minorias étnicas, culturais e religiosas, das práticas e vivências populares, as lembranças de pessoas comuns etc. Há esforços de preservar a cultura negra [...]. Em muitos museus, as exposições destacam essas reminiscências sobre o modo de viver no dia-a-dia ou sobre a vida de grupos sociais reprimidos historicamente (BRASIL, 1998, p.90).

É possível perceber que os PCNs abordam os museus de uma forma ampla, sem apresentar os variados tipos de museus existentes. Neste artigo, estamos trabalhando com o museu de História ou histórico. Ulpiano Meneses (1994), ao diferenciar o Museu de Artes de um Museu Histórico, utiliza o exemplo de uma obra artística em tela. Num museu de arte, uma tela, por exemplo, é documento plástico (mas sem considerar que a construção da visualidade integra a realidade histórica). Já no museu histórico, a mesma tela seria valorizada pelo tema, como documento iconográfico (não sendo o foco a historicidade da matéria plástica). (MENESES, 1994, p.16). Ulpiano Meneses (1994) preocupa-se com o papel do museu na produção do conhecimento histórico, portanto, nos auxilia a pensar sobre a potencialidade e necessidade de o Ensino de História e museu dialogarem

[...] estamos imersos num oceano de coisas materiais, indispensáveis para a nossa sobrevivência biológica, psíquica e social. A chamada 'cultura material' participa decisivamente na produção e reprodução social. No entanto, disso temos consciência superficial e descontínua. Os artefatos, por exemplo, são não apenas produtos, mas vetores de relações sociais. Que percepção temos desses mecanismos? Não se trata, apenas, portanto, de identificar quadros materiais de vida,

⁵Criado em 1998, os PCNs são um referencial para a educação brasileira, pois apresentam conteúdos a serem ensinados e possibilidades didáticas, ficando a cargo de cada estado da federação e municípios comporem seus currículos de acordo com as necessidades de cada região. Segundo o próprio documento, a intenção é conferir autonomia aos professores e as equipes pedagógicas.



listando de objetos móveis, passando por estruturas, espaços e configurações naturais, até obras de arte'. Trata-se, isto sim, de entender o fenômeno complexo da apropriação social de segmentos da natureza física (MENESES, 1994, p.12).

Meneses (1994) parte do pressuposto que a cultura material exposta no museu o torna um espaço de conhecimento histórico sobre nossa realidade. O autor adverte para a instituição museológica deve prezar contribuir com a perspectiva crítica, e não atender às demandas da indústria cultural, para assim ser um espaço para a produção do conhecimento histórico

[...] a História, forma de conhecimento, tem lugar assegurado no museu histórico. Aliás, há domínios históricos (vinculados à problemática da cultura material), que a História não poderia desenvolver ou desenvolveria de forma precária, sem a contribuição do museu. O museu histórico coleta, preserva, estuda e comunica documentos históricos. A exposição verdadeiramente histórica é aquela em que a comunicação dos documentos, por sua seleção e agenciamento, permite encaminhar *inferências sobre o passado* - ou melhor, sobre a *dinâmica* - da sociedade, sob aspectos delimitados, que conviria bem definir, a partir de problemas históricos” (MENESES, 1994, p.31).

Ler o mundo é o que Paulo Freire (1990) propôs em sua trajetória como um intelectual na Educação. Francisco Régis Lopes Ramos (2004), por sua vez, utiliza de concepções educacionais freirianas para propor um diálogo entre Ensino de História e Museu.

Lopes Ramos (2004) apresenta a proposta de objeto-gerador, baseado na concepção de palavra-geradora, de Paulo Freire (1975). O objetivo é possibilitar o aluno [conseguir] compreender a relação entre sujeitos e objeto; perceber que os objetos são criadores e criaturas do ser humano (RAMOS, 2004, p 32.). A proposta defendida por Ramos inclui-se, portanto, no esforço de aprofundar as relações entre pesquisa histórica, ensino de história, museologia e pedagogia de Paulo Freire. (RAMOS, 2004, p.35).

Ninguém vai a uma exposição de relógios antigos para saber as horas. Ao entrar no espaço expositivo, o objeto perde seu valor de uso: a cadeira não serve de assento, assim como a arma de fogo abandona sua



condição utilitária. Quando perdem suas funções originais, as vidas que tinham no mundo fora do museu, tais objetos passam a ter outros valores, regidos pelos mais variados interesses (LOPES, 2004, p.19).

A sala de aula, segundo Francisco Ramos (2004), deve contribuir para que o museu não seja visto como um depósito de objetos expostos tal qual se configuram os *shoppings centers*.

[...] O caminho é o próprio diálogo, que certamente solicita do professor um trabalho qualificado – preparo que é muito mais exigente e rigoroso do que a simples tarefa de transmitir conteúdos. Sair do campo da transmissão para o território da reflexão não significa cair nas malhas do relativismo pós-moderno – lugar onde tudo é válido – mas ter um posicionamento mais claro sobre os significados de ser professor na “educação como prática da liberdade”, como disse Paulo Freire (RAMOS, p.55, 2004).

Quanto à discussão sobre a incorporação da cultural material, em especial o patrimônio histórico no Ensino de História, Marcos Silva (2007) defende a riqueza desse diálogo. Segundo o historiador, é necessário, junto aos alunos, refletir sobre os objetos e as experiências que eles carregam, atentando-se para os mesmos não se encerrarem na materialidade em si, mas levar em consideração sua sincronia com os fazeres e saberes humanos, simbologias, e outros aspectos sociais, políticos e culturais da materialidade.

Reflexões sobre as pesquisas em Ensino de História e Museu de História

Eventos acadêmicos, cursos de pós-graduação, revistas especializadas em Ensino de História e dossiês temáticos em revistas de História, são espaços de sociabilidade para fomentar a circulação de ideias neste campo de pesquisa desde os anos 70. Esta parte do texto visa discutir, ainda que superficialmente, as pesquisas referentes aos usos de museus de História no Ensino de História.

No XXIII Encontro Estadual de História (Anpuh/SP), em 2016, foi apresentado no Simpósio Temático “*As finalidades do ensino de história em questão: história das culturas, disciplinas e currículos escolares*” pelos professores Antônio Neto (UNIFESP) e



Paulo Mello (UEPG), o andamento do projeto *Ensino de História: memórias e escritos de um campo de pesquisa*, o qual tem como participante também o professor Raimundo da Rocha (UFRN). O projeto objetiva realizar levantamentos e análise da discussão teórico-acadêmica relativa ao ensino de história na educação básica, efetuado nas últimas cinco décadas (entre 1960 e 2010) em diferentes estados brasileiros.

O professor Leandro Almeida, coordenador do Laboratório de Ensino de História do Recôncavo da Bahia (LEHRB), com outros objetivos, mas vindo ao encontro de um dos objetivos do projeto acima citado, mapear produções acadêmicas, **compilou** em um banco de dados, artigos no campo do Ensino de História, desde a década de 1980 até 2016⁶.

As duas iniciativas citadas vêm [a] proporcionar aos interessados em pesquisar sobre Ensino de História uma dimensão das produções científicas, abordagens teórico-metodólogos, contato de pesquisadores, enfim, visões horizontais deste campo.

Inspirado nas leituras de Sérgio Miceli (2001), optamos pela criação de duas tabelas, em anexo - chamado pelo autor de quadro - para criar um panorama das produções acadêmicas que interessam a esse artigo. Miceli utiliza deste recurso para apresentar uma trajetória dos letrados da Primeira República (1889-1930), no Brasil. Claramente, [que] os objetivos deste texto são apenas exploratórios, não contemplando análises profundas como a que o autor faz em sua obra. Na Tabela 01 "*Produção Científica*" é apresentado o balanço dos artigos encontrados na base de dados com: nome da revista, edição, título do artigo, autor ou autora, **responsável pela produção** e a periodicidade. Na Tabela 02 "*Pesquisadores*" apresentamos os autores ou autoras, de acordo com a consulta, realizada em dezembro de 2016, em seus currículos lattes, para compreender suas trajetórias de pesquisa e área de atuação.

⁶ O banco de dados não se encontra disponível na página do LEHRB, como estava até o primeiro semestre de 2016 pois, segundo Leandro Almeida (UFRB) ele está em processo de atualização. Conseguimos acesso a este banco, pois entramos em contato com o professor Leandro Almeida, que nos disponibilizou para a realização deste artigo.



No banco de dados há 64 dossiês temáticos, publicados em diversas revistas, sendo 10 revistas da área de Educação, 22 especializadas em História, e 4 revistas com foco em Ensino de História. e três revistas promovidas por mais de uma área do conhecimento. 14 links para dossiês estavam indisponíveis para consulta, por estar fora do ar ou ter mudado de endereço eletrônico, quando fazia esse levantamento. É válido ressaltar que uma mesma revista publicou mais de um vez um dossiê temático sobre Ensino de História, como é o caso da *Antíteses* (UEL); *Educar em Revista* (UFPR); *Revista Brasileira de História* (ANPUH).

As quatro revistas especializadas em Ensino de História são: *História & Ensino*; *Revista do LHIESTE*, *Revista de Educação Histórica e História Hoje*. A revista *História & Ensino* (Universidade Estadual de Londrina – UEL), produzida pelo Laboratório de Ensino de História, publicada desde 1995, sendo considerada a primeira revista especializada do país; *A Revista do LHIESTE* – Laboratório de Ensino de História e Educação da UFRGS – que é uma publicação semestral especializada em trabalhos acadêmicos sobre o ensino de história, em todos os níveis e etapas educativas, além de sua intersecção com outras áreas do conhecimento, sua primeira publicação é data do ano de 2014; *A Revista de Educação Histórica* – REDUH, que teve sua primeira publicação em 2012, tendo por objetivo apresentar, trabalhos de pesquisadores e professores ligados ao Laboratório de Pesquisa em Educação Histórica – LAPEDUH do Programa de Pós Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Federal do Paraná. *A Revista História Hoje*, da ANPUH/BR, que foi criada em 2003, e passou por uma renovação em sua linha editorial, em 2011, objetivando contemplar trabalhos envolvendo História e Ensino

Nas quatro revistas especializadas, a busca foi feita com os descritores Ensino de História, Museu. Nos dossiês temáticos todos os sumários foram consultados a fim de buscar, nos títulos, as palavras-chave em questão. 19 artigos foram localizados dentre todas os dossiês consultados, sendo 2 artigos escrito coletivamente, e um mesmo pesquisador, Jezulino Lucio Mendes Braga (UFMG) escreveu três artigos do total. Aparecem, portanto, 20 autores. Os anos de publicação são dados instigantes. O primeiro artigo aparece em



2006, isoladamente, sem compor um dossiê: “Museus e Educação Histórica numa realidade contemporânea em transição”, de Irene Nakou, que na época da publicação era Professora Assistente na University of Thessaly, na Grécia. Entretanto a partir de 2009 temos mais constância de artigos, sendo em 2013 o ano com mais publicações, sete artigos.

Seis autores não estão com seus currículos lattes atualizado⁷. O artigo “Museus e educadores: uma reflexão sobre o uso de museus como ferramenta pedagógica” teve a colaboração de quatro autores, sendo três graduandos e o orientador Prof. Caiuá Al-Alam (Unipampa), todos da área de História. O artigo foi fruto do trabalho discente na disciplina ministrado pelo professor Al-Alam, Estágio Supervisionado III em Espaços Não-escolares. Este professor atualmente tem interesse de pesquisa na área de História do século XIX e museus.

Quatro artigos se agrupam nas pesquisas em “Educação História”. O artigo da professora Irene Nakou (2006) centra-se em propor reflexões sobre o papel do museu na atualidade, e para tanto discorre sobre o uso de tecnologias e da história oral em museus para contribuir para o conhecimento histórico dos visitantes. Nota-se que a autora não está preocupada com a sala de aula, mas sim com visitantes dos museus fora ou dentro de contextos formais de Educação.

Os outros três artigos, são de pesquisadores brasileiros, tendo como referencial teórico John Rüsen. Dois destes artigos têm como proposições “tentar compreender” os sentidos e a consciência histórica que os visitantes criam a partir das visitas em espaços museológicos. “A formação do pensamento histórico de crianças em ambiente de museu”, de Almir Compagnoni, apresenta proximidades ao nosso interesse de pesquisa: compreender as motivações e objetivos de professores ao levarem alunos a museus.

Do perfil de pesquisadores traçado por Caimi (2015), os interesses pela área de Ensino de História e Museu se invertem na questão de gênero apresentada pela historiadora, tendo a maior presença masculina: Sete homens para seis mulheres. Ou seja, não chega a

⁷ A consulta aos lattes dos autores foi realizada em dezembro de 2016.



constituir uma diferença. No que se refere a pós-graduação, 6 são na área de Educação, e 6 na área da História, e 1 na área de Geografia, dados que corroboram com a pesquisa de Caimi: a área da Educação é muito presente no âmbito acadêmico da pesquisa em Ensino de História.

Dos 19 artigos analisados, é possível dividi-los em dois grupos. Do primeiro grupo fazem parte Jezulino Braga (UFMG), Ricardo Aguiar Pacheco (UFRPE), Tatiana Polliana Pinto de Lima (UFRB) e Juliana da Costa Ramos (Estácio do Recife). Esses pesquisadores tem seus interesses de pesquisas nas relações entre Ensino de História e Museu. O segundo grupo contempla pesquisadores interessados em áreas afins, que perpassam o tema central deste artigo, como: História da Educação, Patrimônio, Memória, Tecnologias virtuais, História dos Museus, História Antiga. Os artigos desse grupo foi algo esporádico dentro de suas produções, diferente do primeiro grupo.

Considerações Finais

Não se trata de promover ou reafirmar uma “escolarização” do museu e sim de estudar a multiplicidade de papéis educativos que podem ser assumidos pelo espaço museológico (LOPES, 2004). É importante destacar o estudo de Francisco Lopes Ramos (2004), pois é autor de um rico livro sobre o Museu e o Ensino de História. Pesquisar as relações entre sala de aula e museu, não é promover a escolarização do museu, mas pensar nas apropriações do mesmo para se ensinar História, e mais, como isso vem sendo pesquisado no campo do Ensino de História.

Se o alargamento de pesquisas acadêmicas em Ensino de História se relaciona com reformas curriculares, desde 2015 o Ministério da Educação escalou pesquisadores para compor uma equipe para a redação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Neto; Mello (2014) chama atenção para que, embora haja, nas últimas cinco décadas produções sobre Ensino de História, coexiste paralelamente com propostas curriculares prevendo reduções da participação dessa disciplina no ensino público, e por vezes no espaço privado, como por exemplo, no Ensino Médio haver duas aulas semanais. A BNCC, avanços de



propostas conservadoras como a “Escola sem Partido”, e recentemente, uma Medida Provisória, aprovada em tempo recorde, para reformar o Ensino Médio, nos apresenta um futuro inseguro e nebuloso da disciplina de História na Educação Básica.

Respondendo ao título deste artigo “Qual é o lugar do museu no campo de pesquisa do Ensino de História?” Podemos ousar responder: é ainda muito pequeno perto de grandes temas de interesse nesse campo de pesquisa como o livro didático, políticas educacionais, ou mesmo tecnologias virtuais, entre outros. Entre 20 pesquisadores analisados neste artigo, ter apenas 4 com uma frequência de pesquisa envolvendo o Ensino de História e Museu em suas carreiras acadêmicas, mostra uma esfera ainda pouco explorado dentro do campo de pesquisa acadêmica sobre Ensino de História. Nota-se ainda uma descentralização, ou seja, não há um Laboratório de Pesquisa, ou Grupo de Pesquisa, de uma única universidade fomentando esta ótica de pesquisa.

É necessário compreender também que ainda há poucos espaços de socialização de para trabalhos com o perfil do aqui analisado neste artigo. Em 2016, houve a realização do I Seminário Nacional de História e Patrimônio Cultural, na UFRGS, em Porto Alegre, organizado pelo GT de Patrimônio Cultural da ANPUH. Dos cinco simpósios temáticos, o de número 05 teve como título “*Ensino de História, patrimônio cultural e memória social*”, coordenado por um dos quatro pesquisadores aqui apontados como atuantes em Ensino de História e Museu: Ricardo Pacheco (UFRPE). O simpósio contou com algumas apresentações de trabalhos sobre apropriações do museu para se ensinar história, o que consideramos um importante espaço de sociabilidade para fortalecimento deste ramo de pesquisa. No final de 2016 foram divulgados os simpósios temáticos do XXIX Simpósio Nacional de História, da Anpuh. São dez simpósios temáticas envolvendo o campo do Ensino de História; um aumento em relação à edição de 2015, a qual contou com seis. Trabalhos com usos do museu em sala de aula, certamente optarão por simpósios voltados para a temática da memória ou práticas, logo que nas ementas apresentadas não há especificação clara sobre abarcar trabalhos sobre ações envolvendo espaços como museu, ou mesmo o patrimônio.



Longe de buscar as causas para estes resultados, este artigo buscou apresentar um balanço sobre o estado da arte acerca da relação entre estes dois espaços de educação: um formal, a sala de aula; outro não formal, o museu. Se considerarmos a perspectiva história do campo do Ensino de História veremos com otimismo o crescimento de pesquisas.

Bibliografia

ALMEIDA, Leandro Antonio de. **Dossiês sobre Ensino de História em Revistas Acadêmicas**. UFRB, 2016. Disponibilidade restrita. Até junho de 2016 disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/lehrb/sites-apoio-ao-professor/dossies-academicos>

BITTENCOURT, Circe. **Produção didática de História: trajetórias de pesquisas**. Revista de História, São Paulo, n. 164, p. 487-516, jan./jun. 2011.

BOBBIO, Norberto. **Intelectuais e Poder: dúvidas e opções dos homens de cultura na sociedade contemporânea**. São Paulo: UNESP, 1997. P 7-21; p 109-140.

CAIMI, Flávia. Investigando os caminhos recentes da história escolar: tendências e perspectivas de ensino e pesquisa. IN ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. P.17-36.

CHARTIER, Roger. **“Pierre Bordieu e a história”**, Topoi, Revista de História, Rio de Janeiro, v.3, n.4, jan.jun.2002, p.139-182.

COSTA, Aryana Lima; OLIVEIRA, Margarida Maria Dias. **O Ensino De História Como Objeto De Pesquisa No Brasil: No Aniversário De 50 Anos De Uma Área De Pesquisa, Notícias Do Que Virá**. Saeculum: Revista de História. João Pessoa, jan/jun 2007. 147-160.

EVANGELISTA, Olinda; TRICHES, Jocemara. **Ensino de História, Didática de História, Educação Histórica: alguns dados de pesquisa (2000-2005)**.



LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. A historicidade do ensino de história: a pesquisa e o fazer do professor. **Cadernos de História**, Uberlândia, v.15, n.1, p 161-171, set.2006/set.2007, 2007. P. 161-171.

MENESES, UlpianoBezzera. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo. N. Ser. v.2.p9-42. Jan/dez.1994.

_____. Educação e museus: sedução, riscos e ilusões Ciências e Letras: **Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras Porto Alegre**, n. 27, p. 91-101, jan./jun. 2000.

MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha: Um estudo clínico dos anatolianos**. São Paulo: Perspectiva: 1977.

MONTEIRO, Ana Maria [org]. **Pesquisa em Ensino de História: entre desafios epistemológicos e apostas políticas**. Rio de Janeiro: Mauad X: Fapesp, 2014. P 15-19.

MUNAKATA, Kazumi. História, consciência histórica e ensino de história. IN ROCHA, Helenice; MAGALHÃES, Marcelo; GONTIJO, Rebeca. **O ensino de história em questão: cultura histórica, usos do passado**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2015. P.55-75.

NETO, Antônio; MELLO, Paulo; ROCHA, Raimundo. **Ensino de História: memórias e escritos de um campo de pesquisa**. Projeto de pesquisa referente ao edital. CHAMADA UNIVERSAL– MCTI/CNPq Nº 14/2014 .FAIXA B

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no Ensino de História**. Chapecó: Argos, 2004.

SILVA, Marco. **Ensinar história no século XXI: Em busca do tempo entendido**. Campinas: Papirus, 2007



SILVA, Marcos; FONSECA, Selva. **Ensino de História hoje: errâncias, conquistas e perdas.** Rev. Bras. Hist. vol.30 no.60 São Paulo, 2010.

Anexos

Tabela 01. Produções científicas					
Nome da Revista	Edição	Local	Periodicidade	Título	Autor/a



História Hoje	<u>v. 3, n. 6 (2014)</u>	Anpuh	Semestral	O amor no museu: uma experiência de ensino de História com objetos do amor romântico	Kênia Sousa Rios
História HOje	<u>v. 3, n. 6 (2014)</u>	Anpuh	Semestral	Heterogeneidade temática e usos da memória de uma experiência histórica: uma visita ao Museu Digital da Memória Afro-Brasileira e Africana	Luciano Magela Roza
História e Ensino	<u>v. 22, n. 1 (2016)</u>	UEL	Semestral	O Museu em processo: oralidades no uso pedagógico do Museu de Artes e Ofícios em Belo Horizonte/MG	Jezulino Lucio Mendes Braga
Revista do Lhiste.	<u>v. 2, n. 2 (2015)</u>	UFRGS	Semestral	Discutindo o ensino de História Mediado pelos Museus: Experiências Docentes no Museu de Artes e Ofícios-BH	Jezulino Lucio Mendes Braga
Revista De Educação Histórica	n. 05 (2014)	UFPR	Quadrimestral	Educação histórica e museus: um olhar sobre o museu como forma de apresentação do conhecimento histórico	Leandro Hecko
Revista De Educação Histórica	n.02 (2012/2013)	UFPR	Quadrimestral	A Formação o Pensamento Histórico de Crianças em Ambiente de Museu	AlamirMuncioCo mpagnoni
Revista De Educação Histórica	n 04 (2013)	UFPR	Quadrimestral	Lugares de memória: museologia comunitária e as primeiras aproximações com a educação histórica	Wagner Tauscheck
Tempo e Argumento: Dossiê Ensino de História	v. 4, n. 2 (2012)	Udesc	Semestral	O museu na sala de aula: propostas para o planejamento de visitas aos museus	Ricardo de Aguiar Pacheco
Antíteses	<u>Vol. 3, n. 5, jan./jun. 2010</u>	UEL	Semestral	O museu e a escola: memórias e histórias em uma cidade de formação recente. Dissertação (Mestrado em História Social).	Gilberto Hildebrando
Historien	ano 4. n. 9. Jul/Dez 2013	UPE	Semestral	Museu Pedagógico de História e Ensino de História: a construção de um museu em sala de aula	Tatiana Polliana Pinto de Lima
Historien	ano 4. n. 9. Jul/Dez 2013	UPE	Semestral	Ensino de história e educação não-formal: conceitos e encontros	Juliana da Costa Ramos
OPIS	v. 13, n. 1 (2013)	UFG		Museus interativos: interfaces entre o virtual e o ensino de História	Camila Nataly Pinho Dumbra, Eucídio Pimenta Arruda
Revista Latino-Americana de História	Vol. 2, nº. 6.Ago 2013	UNISIN OS	Semestral	Museus e educadores: uma reflexão sobre o uso de museus como ferramenta pedagógica	Caiuá Cardoso Al-Alam, Edson Sousa Lucas de Araujo, Kaiene de Carvalho Pereira
AEDOS	<u>v. 7, n. 17 (2015)</u>	UFRGS	Semestral	Experiências de Visitas ao Museu Imperial: Relatos de Graduandos em História	Jezulino Lucio Mendes Braga
AEDOS	<u>v. 5, n. 12 (2013)</u>	UFRGS	Semestral	História, ensino e pesquisa em museus: uma experiência no Museu Histórico Regional (MHR)	Eduardo Roberto Jordão Knack
Cadernos de Aplicação	<u>v. 22, n. 2 (2009)</u>	UFRGS	Semestral	O museu e sua função sócio-educativa: o caso do museu de arte do Rio Grande do	Vieira Augusto Diniz



(UFRGS)				Sul Ado Malagoli (Margs)	
Cadernos de Pesquisa do CDHIS	n. 40, ano 22, 2009	UFU	Semestral	O jovem e sua concepção de História: patrimônio, museu e memória como mediadores da construção do conhecimento histórico	Joana D'arc Germano Hollerbach
História Revista	v. 14, n. 1 (2009)	UFG	Semestral	Educação patrimonial e as interfaces com o ensino de história: os museus de rua em são paulo	Cláudia Engler Cury
Educar em Revista	Número Especial (2006)	UFPR	Semestral	Museus e Educação Histórica numa realidade contemporânea em transição	Irene Nakou

Tabela 02. Pesquisadores

Autor ou autora	Graduação	Mestrado	Doutorado	Atualmente	Interesse de Pesquisa
Alamir Compagnoni	Sem informação	Não possui	Não possui	Desatualizado	Currículo desatualizado
Eucídio P. Arruda (orientador da Camila)	História (UFMG)	Educação (UFMG)	Educação (UFMG)	Professor da Faculdade de Educação da UFMG	Tecnologias Digitais e Ensino de História (Museu Virtual)
Camila N.P. Dumbra	Pedagogia (UFU)	Educação (UFU)	Não possui	Currículo desatualizado	Currículo desatualizado
Cláudia E. Cury	História (Unicamp)	Educação (Unicamp)	Educação - (Unicamp)	Professora da UFPB	História da Educação.
Eduardo Roberto Jordão Knack	História (UPF)	História - (UPF)	História (PUCRS)	Pós-Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural na Universidade Federal de Pelotas	Patrimônio e Memória
Gilberto Hildebrando	História (UEL)	História - UEL	Não possui	Desatualizado	Currículo desatualizado
Irene Nakou	Não possui Currículo Lattes, por ser estrangeira.				
Jezulino Lucio Mendes Braga	História (UFOP)	História - UFMG	Educação	Professor Adjunto no curso de Museologia da Escola de Ciência da Informação (UFMG)	Ensino de História e Museus. (Memória e Patrimônio)
Joana D'arc Germano Hollerbach	História (UniVale)	Educação - UFMG	Educação - UFSCAR	Atualmente é professora do magistério superior, Adjunto I, da Universidade Federal de Viçosa	História da Educação. Interesse no Ensino Médio



Juliana da Costa Ramos	História (UFRPE)	História - UFRPE	Não possui	Atualmente é professora da Faculdade Estácio do Recife, no curso de Pós-Graduação em Docência e Gestão no Ensino Superior, além de atuar como Supervisora Pedagógica no Colégio Vera Cruz Recife.	Ensino de História, Museu e Patrimônio
Kênia Sousa Rios	História (UFC)	História - PUC Sp	(PUC/sp)	Professora do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará.	História Oral e Memória
Leandro Hecko	História (UEL)	História - UFRGS	Doutorado - UFPR	Professor adjunto no curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.	História Antiga
Luciano Magela Roza	História (UFMG)	Educação (UFMG)	Educação - UFMG	Professor Adjunto, da UFVJM	Ensino de História e cultura afro-brasileira
Ricardo de Aguiar Pacheco	História (UFRGS)	História (UFRGS)	História (UFRGS)	Professor Associado I da Universidade Federal Rural de Pernambuco	Ensino de História, memória e patrimônio cultural
Tatiana Polliana Pinto de Lima	História (UFRN)	Educação (Unicamp)	Educação (UFBA)	É professora assistente da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	História da Educação, Ensino de História e Patrimônio
Otávio Augusto Diniz Vieira	Turismo	Geografia (UFRGS)	Não possui	Professor de Yoga e pesquisado na área de Ciência das Religiões	Turismo e Museu
Wagner Tauscheck	História	Não possui	Não possui	Currículo desatualizado	Currículo desatualizado
Edson Sousa Lucas de Araujo	História (Unipampa)	Não possui	Não possui	Currículo desatualizado	Currículo desatualizado
Caiuá Cardoso Al-Alam	História (UFPEL)	História (UNISINOS)	História (PUC RS)	Professor da Universidade Federal do Pampa	História do século XIX e Museus.
Kaiene de Carvalho Pereira	Em andamento	Não possui	Não possui	Currículo desatualizado	Currículo desatualizado



**XXIX DE HISTÓRIA
NACIONAL
SIMPÓSIO**

**CONTRA OS PRECONCEITOS:
HISTÓRIA E DEMOCRACIA**